

SABER LER COM NIETZSCHE

Paulo Tarso Cabral de Medeiros¹

“Todos os livros ainda estão para ser lidos e suas leituras possíveis são múltiplas e infinitas; o mundo está para ser lido de outras formas; nós mesmos ainda não fomos lidos”.

Eis um trecho-aperitivo do notável, inquieto e prazeroso *Nietzsche & a Educação*, do aragonês/ espanhol Jorge Larrosa, publicado pela Editora Autêntica, de Belo Horizonte, em 2002, no âmbito da Coleção Pensadores & Educação – que nos promete, em 2003, *Deleuze & a Educação*, de Sílvio Gallo; *Foucault & a Educação*, Comenius & a Educação e ainda promete *Platão & a Educação*, *Bourdieu & a Educação*, e *Marxismo & a Educação*, entre outros.

Bem-vinda coleção, a resistir a certo consenso paralisante que garante imolado, porém emudecido nas bibliotecas, o panteão das obras clássicas, até modernas, assegurando, cética ou cinicamente, que tudo já foi escrito, tudo está dito, pensado, a História acabou (!), que os livros estão mais desinteressantes que os games, a internet, o DVD, a música eletrônica, o joguinho de paciência, os documentários nas tevês por assinaturas, enfim.

Ora, “o mundo e o homem não são textos ainda a pedir decifrações e invenções?”, provoca Jorge Larrosa.

E não foi justamente Nietzsche, pergunta, “o primeiro que leu Sócrates, o primeiro que leu o cristianismo, o primeiro que lhes fez as perguntas justas, o primeiro que os viu com olhos precisos, o que os tratou como textos ainda não lidos?” (LARROSA, 2002, p. 29).

Veja o leitor desta resenha a intensidade das surpresas que o esperam, como num tópico genial chamado **o corpo do leitor**, já entrelaçado aqui

o ato de ler com o singular, profundo, gozoso e doído ato-de-ler-Nietzsche:

Lê-se com os olhos, mas também com o olfato e com o gosto, com o ouvido e com o tato, com o ventre, inclusive com a ajuda de martelos e bisturis. O leitor ao qual Nietzsche aspira lê com todo o corpo e não só com as partes ‘altas’ privilegiadas pela hierarquia dos sentidos imposta pela tradição metafísica: os olhos e a mente, o espírito em suma. Nietzsche trabalha o corpo inteiro do leitor, fazendo com que em sua descrição da leitura intervenha um amplíssimo registro sensorial (LARROSA, 2002, p. 31).

Valendo-se de *Humano demasiado humano*, reafirma Larrosa:

Mas também temos que saber cheirar as palavras, sermos capazes de captar seus aromas mais voláteis e mais dispersos, saber distinguir o tipo de odor que as impregna: o cheiro de incenso, o cheiro de quartel, o cheiro de colégio (LARROSA, 2002, p. 32-33).

Cheirar o Livro, Caro Leitor!

Logo me vem a presença (mais que lembrança) de um professor de Filosofia que tive, o que mais admirei, passeando pela sala com o livro na mão, tocando-lhe com o nariz, roçando-lhe os lábios, a bradar que deveríamos tocar o livro, considerar o objeto-livro como corpo que se toca, como mão que se sente tocada, tateá-lo, sentir a textura de suas páginas, e cheirá-lo, cheirando e aspirando o frescor da tinta que advém de um livro novo, ou inalar o olor de papel envelhecido dos livros muito freqüentados – ambos bálsamos para o olfato, para os sentidos todos. Puras sensações.

Claro ia ficando: estas declarações de amor ao livro, estas excitadas celebrações à abertura do corpo-a-sentir, (“toquem-no”, “sintam-no”, “cheirem-no”) **revelavam uma relação especial com o conhecimento**, claro!, um modo de dispor a sensibilidade à recepção do que do livro pode devir, e daquilo tudo infinitamente aberto-e-novo que **podemos produzir em nós ao lê-lo**. Quer dizer:

¹ Doutor em Filosofia pela Unicamp. Professor dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba. E-Mail: ppgs@cchla.ufpb.br.

uma relação de amor com o saber implica numa relação de amor com os livros.

Mas há mais, caro leitor, a aprender com Nietzsche:

É preciso”, continua, “saber captar o timbre com o qual o livro fala, porque ‘cada espírito tem seu som’: há livros que falam baixo e livros que falam alto, livros de tom grave e de tom agudo e talvez poderíamos acrescentar: livros que soam secos e sincopados como ordens militares, melífluos e ameaçadores como prédicas religiosas, confusos e mentirosos como mitenes políticas, falsos e ociosos como tagarelices publicitárias (LARROSA, 2002, p. 33).

Fica delineado que estes modos de ler e de tratar os livros, **compõem um estilo de vida dedicado aos estudos**, não à chatice de tantas aulas-e-apostilas, mas àquele tipo de atividade sensório-intelectual-cognitiva cuja gênese provém deste genuíno prazer da leitura, deliciosamente pensada por Jorge Larrosa convidando a ler Nietzsche.

“A primeira coisa que olho para julgar o valor de um livro (...) é se anda, ou melhor ainda, se dança”, diz Nietzsche – citado por Larrosa.

Que não julgue apressadamente o leitor porventura desavisado que se trata de ‘irracionalismo’, o rótulo que muita gente boa (e outras nem tanto) apõe, por equívoco, dogmatismo ou má-fé, a Nietzsche. O livro é de uma profundidade espantosa em suas 135 páginas de quase formato de livro de bolso: **não há Dioniso sem uma forma apolínea**.

De modo que vale suscitar no leitor, **em qualquer leitor que esteja estudando alguma área do conhecimento**, a leitura deste pequeno grande livro. Entre os tantos temas pensados, encara-se o problema crucial de “como Nietzsche desmonta os pressupostos hermenêuticos da velha educação humanística” (LARROSA, 2002, p. 9).

E mais: o elogio à lentidão da leitura; a ênfase na leitura como ato de **sair de si**, para além do sujeito-identitário, evocando a metamorfose-criança de Zarathustra: ler-criança: “a criança (...) aparece como o ponto em que o sujeito lança-se

além de si mesmo para que algo novo possa aparecer” (LARROSA, 2002, p. 10).

Sair de si pressupõe uma espécie de **suspensão do eu do leitor**, assim como, paradoxalmente, sair do texto será uma exigência: **é preciso esquecer o que se leu para verdadeiramente apreendê-lo**. Algo como o que queria Jorge Luiz Borges quando sugeria que deveríamos, os amantes da leitura, ler tudo o que de fato interessa, essencialmente os grandes, claro, sejam romancistas, filósofos, poetas, cronistas, cientistas de todos os matizes, e em seguida, adivinhe!, esquecê-los. Para tornar a vir-a-ser devir-criança, a matriz de onde pode provir o novo, o ato criador, a palavra inventiva.

Da importância de esquecer o livro que seu leu devem sair dele recriado, reinventado, multiplicidade outra onde agora me instalo depois daquela leitura, depois de visitar aqueles mundos que os grandes autores me apresentaram, sem os quais eu jamais os teria frequentado (MERLEAU-PONTY).

O livro também fala, sempre com Nietzsche, da relação mestre-aluno; problematiza o leitor dito especialista, o leitor dito erudito, o leitor jornalista; lembra o significado e a força do aforismo; o tema fundamental hoje na educação, que é o ensinar-a-pensar, e comenta a transição de um leitor clássico para um leitor moderno. Há ainda o tema do leitor viajante, o problema do vir-a-ser de ‘Nietzsche’, do filósofo alemão genealogista, de como podemos nos formar contra nossa época, da autocriação artística...

E quando pensamos que ele se aterá ao problema da leitura, ele amalgama todas essas questões ao caminhar de Nietzsche rumo e para além da *Bildung*, isto é, do problema nietzscheano, por excelência, e além-moderno, eu diria, **de como se chega a ser o que se é**, tema caro a Foucault, no eco de Marx: como fazer-se a si próprio?; tema caro a Deleuze e seus estudiosos, como Luiz Orlandi, por exemplo, que o retoma na seguinte formulação: diante do que fizeram conosco, que estamos ajudando a fazer de nós mesmos?

Em torno desta trilha, novas problematizações (que também desdobram aquelas inter-

rogações) podem arrebatá-lo o corpo-leitor no último capítulo “A libertação da liberdade: Para além do sujeito”.

Percorremos o tema da liberdade em sua face positiva até que, com Kant e Husserl, presenciemos envelhecer o velho motivo idealista da humanidade em marcha e em crise. Passamos pela incontornável ‘Dialética do Iluminismo’ para confirmar, com Larrosa que, no meio das aporias negativas “a deriva minimalista, estética e, em ocasiões, trágicas, de pensadores como Adorno ou Benjamin, é mais instrutiva e talvez mais fecunda que o revisionismo social democrata de Habermas” (LARROSA, 2002, p. 100) – tábua desbotada onde se ancoram as boas intenções humanistas.

O que importa será na seqüência **o salto**, ou **a liberação da liberdade que há no homem**, reatando com o Heidegger-leitor de Heráclito, no qual se reabre “o território ou essa região” doravante “assinalada com a criança que joga” no Aión: “o tempo-todo é uma criança jogando-criancices”, diz um fragmento heraclítico anotado por Heidegger (LARROSA, 2002, p. 107-108).

Lembremos que Larrosa encerrou-para-reabri-la-em-outro-registro, a história da liberdade, uma vez que esta história “ou da travessia do sujeito moderno a partir do modo da liberdade, já terminou” (LARROSA, 2002, p. 108).

Então ficamos assim: “A primeira fábula da liberdade nos levou da liberdade para a libertação; da saída ao salto (passando por uma aporia); da maioridade à infância; do tempo crônico da história ao tempo aiónico do instante-eterno; da razão ao jogo” (LARROSA, 2002, p. 108).

E uma das partes mais saborosas do livro evém agora, pois que se anuncia tratar-se da fábula nietzscheana “As três metamorfoses”. Camelo, leão, criança:

Agora, trata-se de outra liberdade, e de outra história. (...) A partir daqui, já não um relato, mas (...) uma série de motivos, figuras, fragmentos, nos quais a criança que joga aparece como o emblema dessa outra liberdade, e como a condição de possibilidade dessa outra história (LARROSA, 2002, p. 109, grifo meu).

Contendo a ânsia de escrever a interminável resenha (sonho borgeano de resenhista que desejaria duplicar-se subsumindo, absorvendo-se e dissolvendo-se no livro todo) convém atentar: tematizando a fundo o problema **quem lê?** Jorge Larrosa alerta para a conveniência de afastar os “livros-pregadores que correspondem aos leitores-crentes” estimulando o leitor a procurar “os livros que contam e os leitores que importam” (LARROSA, 2002, p. 25).

Deixo ao leitor acaso estimulado por esta resenha (que não esgotou os tantos temas tratados), os prazeres, as ânsias, surpresas, angústias e alegrias de ler *Nietzsche & a Educação*.

O lance de dados agora é seu, amigo leitor.

Referências Bibliográficas

LARROSA, Jorge. *Nietzsche & a Educação*. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, 135p.